

SOBRE A ROCHA

Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz¹

Fazer de alguém o criador da própria vida é tarefa das mais importantes o sentido é a razão última da aprendizagem humana (CARVALHO, 2017, p. 32).

O livro *Vivendo o sentido: a liberdade, a crença e a esperança* do professor José Maurício de Carvalho é, a nosso ver, um produto de maturidade vital e filosófica do autor. Na leitura dessa obra podemos encontrar em forma mais lapidada as reflexões que fizera em *O Homem e a Filosofia: pequenas meditações sobre Existência e Cultura*² (1997) e em *Ética*³ (2010), bem como de sua base culturalista, que pode ser retirada pelo leitor atento nas entrelinhas do texto. O livro é composto por onze capítulos sendo que o último nos parece servir como epílogo. Neles, o autor trata de diversas questões problemáticas de nosso tempo como a construção da subjetividade, o encontro com a alteridade, a constituição e relacionamento da família e do trabalho e o reconhecimento da pessoa humana e da relação que pode manter com Deus. Todos estes desafios são discutidos pelo autor tendo como pano de fundo o desafio maior de meditar sobre o sentido da vida.

Para apresentar a obra, decidimos por dividi-la em quatro momentos: 1) a construção do eu e sua relação com o mundo, entendido a partir da fenomenologia; 2) a relação do sujeito com a sociedade, com ênfase na instituição familiar e no trabalho; 3) a importância da crença na vida do homem como construção do seu projeto vital e como meio de aproximação do inescrutável mistério divino; 4) o reconhecimento da finitude humana e da importância de sabermos-nos responsáveis pela construção de nosso pessoalíssimo e intransferível projeto vital.

O primeiro ponto de divisão que elegemos para analisar esse livro do professor José Maurício de Carvalho é a que relaciona o eu com sua circunstância,

¹ Mestrando em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de São João Del-Rei. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1337932858013841>.

² CARVALHO, José Maurício de. *O Homem e a Filosofia: pequenas meditações sobre Existência e Cultura*. Porto Alegre: ediPUCRS, 1997.

³ CARVALHO, José Maurício de. *Ética*. São João del-Rei: UFSJ, 2010.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 10 Páginas 137-142
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

com seu entorno, com aquilo que o rodeia. Este tema, como os demais, aparece em toda a redação da obra, mais encontra-se assinalada em tintas mais vibrantes nos capítulos 1, 2, 9 e 10. A argumentação do autor se move na direção de fazer com que o leitor compreenda que não existe nem um eu isolado do mundo e que contém toda a realidade possível, nem o contrário se dá com o mundo, como se fosse ele único elemento real. Essa discussão que se deu na modernidade e que tentou ser superada por Kant⁴ é a base da meditação de um segmento da filosofia contemporânea em que o autor se inscreve. Ele dialoga com pensadores como Husserl⁵, Jaspers⁶ e Ortega⁷, herdeiros do problema epistemológico kantiano. Nesse sentido, o professor Carvalho busca ensinar ao leitor que o homem está intrinsecamente, simbioticamente relacionado ao mundo em que vive, limitado por circunstâncias específicas, movendo-se em espaço e tempo determinados. Nessa circunstância, nesse mundo em que se encontra ao nascer, o eu se descobre como eu e descobre o outro como um outro eu, como consciência capaz de raciocinar, capaz de escolher, portanto, autônoma, livre, com um projeto vital distinto em muitos aspectos, mas comum em muitos outros. Acompanhado Ortega y Gasset e todo o pensamento que ficou conhecido como fenomenologia existencial, o autor nos diz que não podemos nos perder na circunstância, que não podemos nos diluir nela sob pena de perdermos aquilo que nos identifica, que nos singulariza. E para isso, é preciso encontrar um sentido para a vida, uma direção a seguir que não é sólida como um abrigo, mas flutuante como a linha do horizonte que, embora ofereça a direção certa a seguir, se move a medida em que nos movemos também (p. 47).

Dessa maneira, passamos ao segundo ponto de estudo da obra e que diz respeito à relação que o eu mantém com a sociedade, o que podemos ler nos capítulos 3, 4, 8 e 10. Neles, José Maurício de Carvalho analisa a circunstância compartilhada por nossa sociedade. Circunstância problemática, de flutuação de valores, de alteração de costumes, em uma palavra, de crise. Relacionando esse período à dificuldade de construção do sentido da vida, o autor chama atenção para o fato não só da dificuldade de tecer um projeto vital, mas de mantê-lo operante

⁴ KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

⁵ Husserl, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.

⁶ JASPERS, Karl. *La Filosofía*; México: Fondo de Cultura Económica, 1970.

⁷ ORTEGA Y GASSET, José. *Obras Completas*. Madrid: Alianza, 1997.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 10 Páginas 137-142
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

diante das adversidades e dos imprevistos a que toda vida está sujeita. Isso significa que o projeto vital não é planejado de uma vez por todas, mas que é fluido, que pode ser volatilizado e que, muitas vezes, toma caminhos diferentes, pois as circunstâncias mudam. Na vida em sociedade, o homem encontra-se em relação com outras subjetividades, muitas delas englobadas por instituições como a família, a igreja, a escola e o trabalho. Para o autor, o homem que não considera a relação com as instituições sociais em seu projeto vital não pode viver autenticamente, pois está desconsiderando parte de sua circunstância. No momento crítico em que vivemos, o desafio, diz ele, é ser capaz de construir uma subjetividade saudável sem ignorar que nossa sociedade também precisa se nutrir de valores igualmente salutares.

Isso nos leva ao terceiro ponto de reflexão: a importância da crença na vida humana. Longe de insuflar o eu de racionalidade, de reconhecer que a razão tudo pode, como fizeram alguns pensadores de séculos passados, o professor José Maurício de Carvalho reconhece que há determinados elementos na construção do projeto vital que estão para além da racionalidade. Isso não significa que sejam irracionais, mas, para dizer como Ortega, que são pré-rationais. Estes elementos são as crenças. O homem necessita de crenças para viver assim como o pássaro necessita da resistência do ar para voar. Quando estas crenças que dão sustentação ao homem, que dão sentido à suas ações e à sua própria vida entram em crise, se são pressionadas contra a parede pela razão, pela dúvida, o homem sente-se incapaz de agir, pois não sabe se o ar continuará a lhe sustentar o voo. É este justamente o maior problema que o autor reconhece na sociedade de nossos dias: é uma sociedade em crise, pois os homens não sabem a que se ater para viver, não sabem em que alicerce estabelecer a construção vital, não encontram sentido para suas vidas. Uma das crenças importantes que temos, reconhece o autor, relaciona-se ao divino. A presença de Deus no planejamento humano vital perdeu seu lugar em tempos de consumismo, de muitos direitos e poucos deveres e de indignidade. A criatura mimada e rebelde acredita não mais necessitar da Palavra reta, amorosa e coercitiva do Pai. E isso ocorreu tanto pela flacidez das instituições religiosas, quanto pelo seu oposto, pela exacerbação de crenças irracionais, como é o caso do fundamentalismo religioso que tem levado aos atos terroristas. Diante

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 10 Páginas 137-142
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

dessa ausência, o homem torna-se indigno, pois vê sua existência como mero nada, vazia, sem vocação, sem sentido.

Toda essa análise realizada pelo professor José Maurício de Carvalho o leva a meditar sobre o problema que dá origem à obra: o sentido da vida. No quarto e último ponto de estudo que escolhemos, nos dedicamos a tratar do quinto capítulo, que nos parece ser o centro pulsante do livro e também do décimo primeiro, no qual encontramos uma tocante reflexão sobre a finitude humana e um reconhecimento pessoal de que só se pode viver com humildade, pois nosso projeto vital, além de jamais poder ser terminado como gostaríamos, sofre constantes modificações, perde páginas e ganha outras, muitas vezes à nossa revelia. Nestes dois momentos, o autor reconhece que a vida sem sentido é uma vida tristemente desperdiçada, é tempo perdido. E, assim, é também composta de relações inautênticas, falsas e superficiais, de palavras ditas e carregadas pelo vento. Vida de semente que cai no terreno infértil e agoniza de sede até morrer. Em sua meditação sobre o sentido, o autor reconhece que o passo inicial é reconhecer-se, saber-se vivente, livre e racional, capaz de dar à vida, ao projeto vital, uma direção. γνωθι σεαυτόν, conhece-te a ti mesmo, como já ensinava Sócrates⁸. Para além disso, é reconhecer-se responsável pela criação e manutenção desse projeto, pela substituição das crenças perdidas nos momentos de crise, pela importância que o outro tem nessa trajetória.

Lembrando Heidegger⁹, o professor Carvalho chama a atenção do leitor para o fato de que o homem não está pronto, que ele está aí no mundo e precisa debater-se para sobreviver, como náufrago que é, se lembrarmos da alegoria orteguiana. Os males de nosso tempo estão presentes, reconhece o autor, como fizera Kant¹⁰, na preguiça e na covardia: preguiça, pois viver dá muito o que fazer, viver é problemático, viver exige reflexão, autoconhecimento, constante avaliação de atitudes e assunção da responsabilidade por elas; covardia, pois viver é perigoso, é arriscado quando se tem um norte, um caminho a seguir que não tem nenhuma segurança, que pode conter abismos que nos façam mudar de direção; perigoso por

⁸ O termo é discutido por Sócrates nos seguintes diálogos - utilizando a padronização convencional para as obras de Platão: Filebo (48C), Protágoras (343B), Leis (II. 923A), Cármides (164D), Alcibiades I (134A, 139A, 132C) e Fedro (229E).

⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

¹⁰ Kant, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é "esclarecimento"? In.: *Textos seletos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 10 Páginas 137-142
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

saberemos que encenamos uma peça sem ter podido antes ensaiar. Mas, ensinava Descartes¹¹ no exemplo do viajante perdido, é melhor escolher um caminho qualquer que jazer perdido no meio da floresta, acovardado pelos sons e pelas sombras fantasmagóricas das árvores. Além disso, o último capítulo nos dá uma lição de humildade ao reconhecer a finitude humana, nossa insuficiência em realizar tudo o que almejamos e nossa arrogância ao acreditar que poderíamos.

Não é por acaso que esta é a reflexão final do livro. O autor a faz no intuito de tocar a consciência dos leitores que vivemos em um mundo onde *ter* e *ser* se transformaram em sinônimos, em que se mata inocentes em nome de uma crença irracional e no qual as relações são virtuais, deletáveis, bloqueáveis, invisíveis. A nosso ver, o professor José Maurício de Carvalho atualiza a advertência de Cristo em Mateus 7: 24 – 27. O homem prudente edifica sua casa na rocha, conhece o terreno em que vai construir e confia que a sobre ela pode realizar seu projeto. *Vivendo o sentido* nos faz compreender que a rocha é o sentido que damos à vida guiado pelos valores que aprendemos na cultura e selecionamos com nossa inteligência. Se ele é autônomo, se tomamos e carregamos por nós mesmos a cruz de nossa existência, de nosso projeto vital, mesmo que caia a chuva, transbordem os rios e soprem os ventos seremos capazes de resistir, de continuar a viver e, mais que isso, de viver com otimismo e esperança. Encontramos uma razão para nossa vida. Isso é muito especial num tempo conhecido como pós modernidade em que se veicula a ideia de que não há referências seguras que nos sirvam de orientação para enfrentar os problemas da vida.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Maurício de. *Ética*. São João del-Rei: UFSJ, 2010.

CARVALHO, José Maurício de. *O Homem e a Filosofia: pequenas meditações sobre Existência e Cultura*. Porto Alegre: ediPUCRS, 1997.

CARVALHO, José Maurício de. *Vivendo o sentido*. A liberdade, a crença e a esperança. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2017. 57 p.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹¹ DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 10 Páginas 137-142
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.

JASPERS, Karl. *La Filosofía*. México: Fondo de Cultura Económica, 1970.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”? *In.: Textos seletos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ORTEGA Y GASSET, José. *Obras Completas*. Madrid: Alianza, 1997.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 10 Páginas 137-142
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	